

# CLIPPING DE NOTÍCIAS

## Janeiro-Agosto/2009

## Millenium aponta queda de 50% nas vendas

DONALDSON GOMES  
dogomes@grupoatarde.com.br

A fábrica da Millenium Chemicals na Bahia convive, desde setembro, com um cenário de redução no volume de vendas em torno de 50% por conta da desaceleração econômica. A direção da empresa descarta a possibilidade de demissões. A unidade, localizada na Estrada do Coco, é a única produtora da América Latina do pigmento de dióxido de titânio, matéria-prima para produção de tintas, plásticos, cosméticos e diversos outros produtos usados principalmente pela indústria automobilística e a construção civil.

Apesar da dificuldade, a empresa, que possui oito unidades espalhadas pelo mundo, garante que não há possibilidade de paralisar as atividades da planta baiana, como aconteceu nos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália, onde trabalham aproximadamente 1,2 mil funcionários.

Na Bahia, são 800 empregados diretos e outros 1,7 mil indiretos, cujos empregos estariam fora de perigo no momento, segundo a direção da empresa.

“Desde outubro as vendas no Brasil e no exterior caíram de forma muito forte, o que está provocando um grande acúmulo de estoque”, explica o gerente administrativo da planta, Paulo Dantas.

Isso, segundo ele, foi o que levou à paralisação das atividades em três plantas no mundo, mas “demitir não tem nenhuma aplicação”, completa. “Neste

ramo, trabalha-se com pessoas especializadas, cuja formação leva entre 4 e 6 anos. Não dá para demitir agora e ter que procurar mão de obra depois. Se não voltar a vender, a empresa pode se tornar insolvente”, analisa.

Com a queda nas vendas, o capital da Millenium está “parado” no estoque. “E nós ficamos em dificuldades para pagar nossos fornecedores”, lamenta Dantas.

“Acabamos forçados a buscar empréstimos para giro”.

Até o momento, a unidade baiana não estaria passando por maiores dificuldades, segundo Dantas, por conta da estratégia de contenção de custos e modernização, que resultam em melhoria da produtividade e do cuidado com o meio ambiente em um volume de US\$ 50 milhões nos últimos dez anos. “Neste momento estamos nas mãos dos bancos, sem possibilidades de novos investimentos”.

O diretor do Sindicato dos Químicos e Petroleiros, Carlos Itaparica, garante que não há no setor um grande número de demissões por conta da crise.

“Houve algumas demissões por causa da automação”, lembra, em relação à Millenium. “A indústria petroquímica planeja suas ações. Estão em um período de baixa, analisando o que ainda vai acontecer”, completa.

06 de junho de 2009  
JORNAL A TARDE – SALVADOR – A12

## Plantio mobiliza voluntários em Camaçari

Dia do Meio Ambiente - Escolas e Exército reforçam ação por mais verde

No dia dedicado ao meio ambiente, iniciativas mostraram a importância da preservação da vegetação com a plantação de mudas de árvores nativas da Mata Atlântica. Em outros locais, contudo, situações como o desperdício de água demonstram o quanto são frágeis as ações em prol da natureza.

Um ato simbólico, na manhã de ontem, no Anel Florestal do Polo de Camaçari, reuniu estudantes de escolas públicas para plantar árvores nativas como embaúba, sucupira, aroeira e outras. Dez mil mudas foram plantadas.

A iniciativa é do Instituto Corredor Ecológico Costa dos Coqueiros (Incecc), Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Cofic) e Prefeitura Municipal de Camaçari e vem agregando parceiros da iniciativa privada, poder público e terceiro setor.

Álvaro Oyama, diretor executivo do Incecc, conta que o instituto surgiu com o objetivo de conectar os remanescentes de Mata Atlântica do litoral norte, formando corredores ecológicos.

“Um ano depois, percebemos que para isso precisávamos de mudas de espécies nativas”, explica.

Ano passado, na Cetrel, Parque Sauípe e Horto Florestal de Camaçari, foram produzidas 100 mil mudas, plantadas este ano em áreas degradadas que

compõem o corredor ecológico de Camaçari, Dias D’Ávila e Mata de São

João. Em 2009, a meta é produzir 500 mil unidades.

**PARCERIAS** – “Não temos recursos.

Queremos multiplicar os números através de parcerias com empresas que podem usar seus hortos para plantar árvores nativas de Mata Atlântica”, diz Oyama.

É o caso do 19º Batalhão do Exército, no Cabula, que hoje plantará parte das duas mil mudas que recebeu com o compromisso de produzir 10 mil no próximo ano.

Cerca de 80% da produção do ano passado foi destinada, salienta Érico Oliveira, superintendente de Desenvolvimento e Comunicação do Cofic, aos 3,8 mil hectares do Anel Florestal Camaçari/ Dias D’Ávila, um cinturão ecológico que separa as indústrias da zona urbana.

**ENGAJAMENTO** – Oliveira destaca que o engajamento da comunidade é fundamental para a conservação das mudas e garantia de que florescerão. “Não podemos cercar áreas públicas. No próximo ano, replantaremos nos mesmos locais até conseguirmos”, assegura Oyama.

**ÁGUA** – O esforço em favor do meio ambiente tem seu contraponto em situações de desperdício, como

acontece na parte baixa da Ladeira do Taboão, no Comércio, em Salvador. Lá, a água jorra 24 horas ininterruptas há muitos anos.

O minadouro desemboca na porta da Rápido Baiano. O proprietário, Sílvio Roberto Santana de Souza, 53 anos, herdou a loja do pai e conta que a água jorra ali desde a sua infância. “Nasce lá em cima, na Igreja de São Francisco”, conta ele.

A água limpa, diz ele, cai nas galerias subterrâneas e vai para o mar. Sua

principal utilização é por lavadores de carro da região.

“Vem morador de rua até da Barra para tomar banho aqui, Nunca vi faltar água”, afirma Souza.

A assessoria de comunicação da Embasa informou que não se trata de desperdício porque é uma fonte natural. O órgão cuida apenas de água tratada, proveniente de grandes mananciais. E não se trata de tubulação quebrada.

## EDITORIAL

### Pólo 31 anos: o desafio da competitividade

Ao entrar em operação, há 31 anos, o Polo de Camaçari mudou a face da Bahia e não apenas no campo econômico, como também as relações de trabalho e aspectos da vida social. Com uma concepção inovadora, fruto da inventividade de seus formuladores, dentre os quais o célebre economista baiano Rômulo Almeida, ele foi, por exemplo, o primeiro complexo industrial brasileiro a incluir uma unidade voltada à preservação do meio ambiente, a Cetrel. Considerado o maior complexo industrial integrado da América Latina, ele responde por 35% do total das exportações da Bahia, além de contribuir anualmente com R\$ 1 bilhão em ICMS para a Fazenda estadual. O Polo de Camaçari possui um parque industrial consolidado, com disponibilidade de matérias-primas e localização privilegiada, na Região Metropolitana de Salvador.

Mas, para manter-se competitivo frente a outros complexos industriais em ascensão, é fundamental atrair investimentos que complementem suas cadeias produtivas. Especialmente nas áreas de produtos inorgânicos, fertilizantes, metalurgia, produtos à base de celulose e autopeças. Entretanto, para atrair investimentos e manter a competitividade das atuais plantas, é

necessário pro-mover melhorias na área de infraestrutura e logística, que se encontra deteriorada e defasada tecnologicamente. As rodovias internas e de acesso estão em mau estado (o Sistema BA-093 é o principal exemplo), é preciso completar o contorno ferroviário de Camaçari e modernizar o Porto de Aratu, que carece de obras de dragagem, ampliação de terminais e retroáreas. Melhorar a infraestrutura reduz os custos sistêmicos, condição fundamental para a competitividade.

Uma agenda positiva para o Polo Industrial de Camaçari inclui, também, encontrar uma solução para os créditos acumulados de ICMS das empresas exportadoras, diversificar a matriz energética e revisar o próprio Plano Diretor do Polo. À indústria cabe investir em formação de mão-de-obra, pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica. São premissas contidas no documento Guia de Atração e Investimentos Polo +30, elaborado em conjunto pelo Comitê de Fomento Industrial de Camaçari, Secretaria Estadual de Indústria e Comércio e Federação das Indústrias do Estado da Bahia. Se atendidas, permitirão ao Polo de Camaçari dar um salto de desenvolvimento e garantir sua competitividade nas próximas décadas.

## Em busca de novos negócios

Para se manter competitivo, Pólo de Camaçari planeja um novo ciclo de expansão e lança guia de investimentos

Monica Mello

Aos 31 anos, o Pólo Industrial de Camaçari planeja um novo ciclo de expansão e diversificação que assegure sua competitividade por mais três décadas. Para tanto, precisa superar desafios estruturais e conjunturais, ameaças reais aos planos daquele que detém o título de maior complexo industrial integrado do Hemisfério Sul, responde por 35% do total das exportações e contribui anualmente com mais de R\$ 1 bilhão em ICMS para o Estado. Estes são indicadores expressivos da importância do complexo para a economia baiana e que apontam à necessidade imperativa de sua reestruturação para continuar competitivo no mercado nacional e mundial, frente a outros complexos industriais que estão em ascensão. Atrair novos investimentos que complementem as cadeias produtivas é uma das estratégias para manter-se competitivo. Para orientar empresários interessados em investir no local, será lançada em breve pelo governo estadual uma publicação que lista as oportunidades existentes. O Guia de Atração de Investimentos Pólo+30 detalha em suas 63 páginas as potencialidades para criação de um novo ciclo de desenvolvimento e aponta 23 lacunas existentes nas cadeias petroquímicas, de produtos inorgânicos, de fertilizantes, de metalurgia, de produtos à base de celulose e de autopeças.

São, portanto, oportunidades de investimento que vão apoiar o adensamento e complementação das

cadeias produtivas existentes no centro industrial, que já abriga empresas que atuam em outros segmentos de atividade como metalurgia do cobre, têxtil, bebidas, celulose, automóveis, pneus e serviços. “São mais de duas dezenas de oportunidades identificadas que, somadas ao programa Acelera Bahia, às melhorias da infraestrutura e a outras iniciativas, poderão fazer a diferença para que a Bahia e o Pólo de Camaçari possam dar um novo salto na geração de emprego, renda e riquezas”, afirma o secretário da Indústria e Comércio, Rafael Amoedo. O guia foi elaborado pelo Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Cofic), associação empresarial privada que representa as 90 empresas do complexo, Secretaria Estadual de Indústria e Comércio e Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB).

Para que o guia cumpra seu objetivo, entretanto, há certos desafios a serem superados. Os mais urgentes, segundo uma agenda positiva apresentada pelo Cofic no ano passado, correspondem a sete áreas prioritárias: assuntos fiscais e créditos de ICMS; infraestrutura e logística; matérias-primas e matriz energética; pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica, formação de mão-de-obra, revisão do Plano Diretor do Pólo; expansão e diversificação industrial. Para cada área foi formado um grupo de trabalho que se aprofundou no levantamento dos problemas e na busca de soluções.

**INFRAESTRUTURA** – O presidente do Sindicato das Indústrias Petroquímicas do Estado da Bahia, Manoel Carnaúba Cortez, aponta entre os desafios mais importantes a necessidade de adequação da infraestrutura logística, que se encontra deteriorada e defasada tecnologicamente, e os aspectos tributários, em especial o que diz respeito aos créditos de ICMS das empresas exportadoras. O programa Acelera Bahia resolveu parcialmente essa questão ao reduzir a alíquota do ICMS de 17% para 12%, mas ainda falta, por exemplo, equacionar a questão do estoque de crédito, que ultrapassa os R\$ 700 milhões. “As negociações sobre este tema prosseguem e, em breve, chegaremos a um entendimento para este item de importância fundamental para a competitividade das empresas e para a atração de novos investimentos”, esclarece o executivo, que exerce a vice-presidência da Braskem, empresa líder no segmento termoplástico na América Latina. Quanto aos aspectos de infraestrutura logística, Carnaúba diz ter conhecimento da existência de projetos para o contorno ferroviário da cidade de Camaçari, para a duplicação das rodovias do Sistema BA-093 e para o acesso ao Porto de Salvador, mas afirma desconhecer os cronogramas de execução desses projetos.

A infraestrutura deteriorada é, de longe, uma das principais reclamações das empresas e um dos entraves à atração de novos investimentos. Vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria, José de Freitas Mascarenhas era secretário estadual de Minas e Energia na segunda metade da década de 70 e participou ativamente da implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari. Segundo ele, um dos argumentos utilizados à época por aqueles que eram contra a instalação do complexo na Bahia era a ausência de infraestrutura,

condição que persiste ainda na atualidade apesar dos investimentos. Para solucionar esta questão, Mascarenhas defende a criação de uma política de desenvolvimento industrial que privilegie esse aspecto. “Melhorar a infraestrutura reduz os custos sistêmicos, condição fundamental para a competitividade. O governo federal deveria envolver-se nessa questão, pois a indústria química é extremamente importante”, ressalta.

O governo do Estado, por sua vez, afirma que está fazendo a sua parte. Segundo a Secretaria de Indústria e Comércio, foram destinados R\$ 10 milhões para a recuperação das vias internas do complexo industrial, sendo que mais da metade desse valor foi aplicado no ano passado. Cita também a implantação do Complexo Viário Dois de Julho, que criou acesso ao Aeroporto de Salvador e à Via Parafuso/Ceasa, com impacto na região de influência do polo. Sobre a requalificação do Sistema BA-093, do qual fazem parte dez vias de grande importância para o Pólo, o secretário Rafael Amoedo avisa que o projeto está adiantado e que a licitação será ainda este ano. Entre as obras anunciadas também constam a requalificação do acesso ao Porto de Aratu pela BR-324 e a duplicação de 84 quilômetros dessa rodovia.

**INSUMOS** – Outro desafio a ser superado diz respeito à matéria-prima, tema estratégico para qualquer negócio, e aos insumos energéticos, o segundo item mais importante em competitividades de custos de uma empresa. Baseado fortemente em gás e óleo, o Pólo Industrial de Camaçari precisa buscar insumos mais competitivos. Outra questão-chave é a principal matéria-prima ser nafta, o que caracteriza uma desvantagem competitiva frente aos novos complexos petroquímicos baseados em matéria-

prima gasosa de baixo custo, principalmente no Oriente Médio. “Ficou claro que a cadeia petroquímica precisa de uma política nacional para a nafta, pois o insumo não apresenta vantagem competitiva frente ao cenário global petroquímico”, afirma João Lins, gerente da Unidade de Petroquímicos Básicos da Braskem, que coordenou o grupo de trabalho sobre matérias-primas e matriz energética.

O Pólo Industrial também busca superar a defasagem tecnológica. Nos últimos anos, muitas empresas do setor químico e petroquímico deixaram de receber investimentos e ficaram ultrapassadas. Entre os desafios identificados pelo grupo de trabalho de Pesquisa e Inovação Tecnológica, os mais relevantes estão ligados à garantia de competitividade pela atualização tecnológica e automação de escala das indústrias. Segundo a coordenadora da Comissão de Tecnologia do Cofic, Suzana Marques Domingues, a otimização de processos, a busca e aplicação de novas tecnologias, produtos inovadores e fontes

alternativas de energia são importantes pilares para garantir os próximos 30 anos.

A continuidade do processo de diversificação industrial, com a instalação e integração de empresas de outros segmentos de atividade, foi fundamental para manter o fôlego do complexo industrial, no passado. No presente, a expansão e diversificação do complexo industrial, que tem uma capacidade instalada acima de 11,5 milhões de toneladas/ano de produtos químicos e petroquímicos básicos, intermediários e finais, continua sendo uma estratégia para garantir sua competitividade e perpetuidade. Mas fica o alerta do consultor Ary Silveira, ex-diretor presidente da Copene: “Mais do que mapear os vazios da cadeia produtiva, deve-se buscar as razões do insucesso do desdobramento das commodities básicas produzidas no Pólo em bens finais de consumo, de maior valor agregado. O sucesso do processo estruturante do Pólo não foi aproveitado para gerar desdobramentos sociais e econômicos à jusante”.

“O Pólo Industrial de Camaçari foi um divisor de águas no processo de industrialização da Bahia. Entretanto, para que as empresas nele instaladas mantenham a competitividade, é preciso fortes investimentos em infraestrutura, especialmente na área de transportes, com a recuperação de estradas, a conclusão da ligação ferroviária e a revitalização do Porto de Aratu.

Além disso, para fortalecer as indústrias do complexo, é também necessário resolver de maneira isonômica a questão do acúmulo de crédito de ICMS.” Victor Ventin (Presidente da FIEB)

“A integração e o fortalecimento das cadeias de produtos com demanda regional constituem fatores de ampliação de competitividade. Neste sentido, a transformação de Pólo Petroquímico em Pólo Industrial é uma grande oportunidade de alavancagem da competitividade local. Outro ponto fundamental é a adequação da infraestrutura, em especial os aspectos logísticos que precisam ser ampliados e modernizados, para que possam garantir produtos competitivos com outras regiões do país e do exterior.” Bernardo Gradin (Presidente da Braskem)

## Prática Ambiental mudou a Cetrel

Cleber Borges

Não é exagero afirmar que a prática de minimizar os impactos da atividade econômica no meio ambiente surgiu, no Brasil, com o Pólo Petroquímico de Camaçari. Em 1973, foi publicada a primeira lei ambiental no estado. Em 1976, com base nesse marco regulatório, antes mesmo da implantação do Polo, foi inaugurada a Cetrel, primeira estação de tratamento de resíduos industriais do Brasil, divisor de águas do protagonismo industrial na área do meio ambiente. A Cetrel é considerada a maior empresa de proteção ambiental da América Latina. Atua no tratamento e disposição final de efluentes e resíduos das indústrias que compõem o Pólo Industrial de Camaçari.

Nos anos 1970-80, as empresas atuavam em geral sem maiores cuidados ambientais. Esta era a regra no país. Ao surgir, a Cetrel ajudou a mudar a prática ambiental na Bahia, conforme lembrou o presidente do Conselho de Meio Ambiente da FIEB, Irundi Edelweiss, em recente evento na área ambiental. “Na estruturação do Pólo de Camaçari, nós evitamos repetir Cubatão. Aqui, foram utilizadas as tecnologias mais apropriadas e limpas de então”, conta Edelweiss. Além disso, a Cetrel incorporou uma novidade. A concepção de captar e tratar com vantagem os efluentes de todas as indústrias petroquímicas, evitando que cada empresa fizesse isso isoladamente. Além disso, no entorno do Pólo foi implantado um anel florestal, para evitar aproximação excessiva dos centros urbanos do complexo.

Na década de 90, houve a reestruturação da Cetrel, do Cofic e do próprio polo, que foi ampliado, agregando tecnologias mais limpas. Hoje, a tendência é associar a responsabilidade ambiental e a atuação social, adotando princípios de produção sustentáveis. Além de tratar os efluentes líquidos gerados pelo Pólo, a Cetrel processa os resíduos sólidos em aterros industriais especiais, incinera resíduos líquidos organoclorados e resíduos sólidos perigosos, faz o monitoramento ambiental do ar, da água subterrânea, dos rios, do mar e da fauna na área de influência das atividades do Pólo Industrial de Camaçari, além de desenvolver ações na área de responsabilidade social, como o Programa de Estudo e Preservação da Fauna.

A atuação da Cetrel na área de engenharia ambiental tem sido largamente reconhecida. Ela foi, por exemplo, a vencedora do Prêmio FIEB de Meio Ambiente 2008, na Prática ambiental mudou com a Cetrel categoria Educação Ambiental, por desenvolver, desde 1998, um programa dessa natureza. Em 1999, a Cetrel conquistou o Prêmio Nacional da Qualidade, tendo sido a primeira empresa do Nordeste a obter essa distinção, a mais importante do país na área de gestão empresarial. Foi a segunda empresa brasileira e a primeira do mundo em sua área de atividades a se certificar pela norma internacional ISO 14001, em 1996. Hoje, o Sistema Integrado de Gestão da Cetrel inclui, além da ISO 14001, as normas ISO 9001 (qualidade), OHSAS 18001 (segurança, higiene e saúde

ocupacional) e SA 8000 (responsabilidade social). Em recente entrevista ao site da Cetrel, Renato Cunha, um dos fundadores do Grupo

Ambientalista da Bahia – Gambá, afirma que um pólo industrial como o de Camaçari não pode funcionar sem uma Cetrel.

## Braskem anuncia retomada da produção a níveis pré-crise

THAIS ROCHA  
trocha@grupoatarde.com.br

A Braskem anunciou ontem lucro de 24% no segundo trimestre de 2009, em relação aos primeiros três meses do ano. O resultado mostra a retomada do setor petroquímico, um dos mais atingidos pela crise econômica mundial há um ano. “Estamos vendo a retomada da produção para níveis pré-crise”, afirmou o presidente da Braskem, Bernardo Gradin, ontem durante entrevista coletiva para a divulgação dos resultados da empresa.

Para a Bahia, Gradin disse que a empresa definirá os investimentos a serem feitos no Estado neste terceiro trimestre e, portanto, não teria como apresentar números. A meta da empresa era aplicar R\$ 350 milhões no Estado em 2009 na planta da empresa instalada no Polo Petroquímico de Camaçari.

**BAHIA** – Segundo Gradin, a Braskem deve manter o ritmo de investimento no Estado, contabilizados em US\$ 6 bilhões entre 2002 e 2008. Na próxima segunda-feira, a empresa inaugura sua

unidade de produção de EBTE no Estado, uma modernização da planta no Pólo de Camaçari que, segundo Gradin, faz parte dos investimentos na nova cadeia de valorização do complexo industrial baiano.

“Temos as melhores expectativas possíveis para esta unidade de produção na Bahia”.

Apesar da inauguração ser só na próxima semana, a unidade já está em funcionamento e a produção está toda vendida. A unidade produtiva de ETBE faz parte de um investimento de R\$ 100 milhões, e tem capacidade de produzir 212 mil toneladas do produto.

O ETBE é um bioaditivo automotivo resultante da mistura entre o etanol (43%) com isobuteno (57%). Por ser derivado em parte do etanol, matéria-prima renovável que vem da cana de açúcar, o ETBE substitui o aditivo MTBE, produzido com metanol, com a vantagem de apresentar características ambientais mais favoráveis.

14 de agosto de 2009  
JORNAL A TARDE – ECONOMIA – B5

## Pólo de Camaçari continua moderno, diz Shigeaki Ueki

DONALDSON GOMES  
dogomes@grupoatarde.com.br

“Passados mais de 30 anos desde o início de suas atividades, o Complexo de Camaçari continua moderno”. A avaliação é de Shigeaki Ueki, sobre a situação de uma das principais obras iniciadas quando ele foi ministro das Minas e Energia, durante a década de 70, no governo Geisel.

Ex-presidente da Petrobras e considerado um dos maiores especialistas em petróleo do País, critica a falta de uma forte indústria de bens finais para receber a produção de Camaçari.

“Só recentemente chegou a indústria automobilística”, lembra. O caminho é o estímulo à atividade econômica”, sugere e lembra que, quando um brasileiro compra um eletrodoméstico, usa um copo descartável ou até uma sacola plástica está estimulando a indústria petroquímica. “Quando alguém compra uma geladeira, se você retirar da conta o metal usado no exterior e o motor, todo o material restante é proveniente de derivados do petróleo”, lembra Ueki.

Da memória, o ex-ministro retira um exemplo do que poderia ser feito pelo País para enfrentar a crise atual. “Na época em que (o Polo de) Camaçari iniciou as atividades, a tonelada do petróleo subiu de forma abrupta de 12

para 42 dólares”, lembra o episódio que motivou críticas de que o empreendimento seria um peso para a economia do País. Como a Petrobras tinha participações em diversas etapas na atividade do refino de petróleo, a empresa, conta ele, topou diminuir suas margens nas etapas da transformação do petróleo. “O resultado foi que os preços baixaram, a indústria petroquímica brasileira passou por aquela crise operando a todo o vapor”. Segundo ele, o aumento no volume das vendas do período foram suficientes para compensar as margens a que a empresa abriu mão no período. “Eu acho que a Petrobras deveria fazer isso hoje, para dar condições à central petroquímica e a segunda geração tenham condições de competir no mercado mundial, com baixo preço”.

Para ele, a atual crise, “que muita gente já dá por superada”, ainda é muito grave para o setor petroquímico. “Esta área da economia é estratégica para atender a indústria de transformação”, avisa. Ele lembra que a matéria-prima usada pela indústria brasileira para abastecer o mercado interno e para as exportações são produzidas pela petroquímica. “É importante dar esse apoio para garantir os empregos deste País. Mas a petroquímica tem sido vista de modo secundário”, lamenta.

**15 de agosto de 2009**  
**JORNAL A TARDE - CAPA**

## **Braskem investe R\$ 100 mi no Pólo**

Na próxima segunda-feira, a Braskem inaugura no Pólo Industrial de Camaçari duas unidades de produção de ETBE, um bioaditivo automotivo à base de etanol. O projeto é resultado da modernização de fábricas já existentes, com investimento realizado de R\$ 100 milhões e uma produção prevista de 170 mil toneladas por ano.

## Braskem investe R\$ 100 mi no Pólo

Bernardo Gradin | Presidente da Braskem

Na próxima segunda feira, a Braskem inaugura no Polo Industrial de Camaçari duas unidades de produção de ETBE, resultado da modernização de algumas plantas da companhia já existentes. Com um investimento de R\$ 100 milhões, as novas plantas deverão produzir 170 mil toneladas por ano. O ETBE é um bioaditivo automotivo formado por 43% de etanol e 57% de isobuteno, que auxilia na combustão do veículo.

Em entrevista ao repórter João Pedro Pitombo, o presidente da Braskem, Bernardo Gradin, dá detalhes sobre este novo investimento para a indústria da Bahia, comenta sobre os resultados da empresa durante a crise econômica e faz uma avaliação sobre os gargalos da infraestrutura de produção do Estado.

Gradin ressalta o perfil ecologicamente correto do ETBE, que já tem mercado garantido na Europa e Ásia. O principal cliente vem do Japão, que já comprou parte da produção da nova unidade da Braskem. Para a Bahia, afirma, a prioridade são dois focos de investimento: continuar a ampliação e modernização das unidades já existentes e atrair novas cadeias de produtos químicos para o Estado.

**A TARDE** | A Braskem inaugura segunda-feira na Bahia duas unidades de produção de ETBE.

Quais as expectativas da companhia em relação a estas plantas e as perspectivas de inserção no mercado?

**BERNARDO GRADIN** | A implantação das unidades de ETBE faz parte de um plano de modernização como um todo das nossas atividades no Pólo Industrial de Camaçari. Trocamos uma planta de 20 anos e modernizamos o processo. Passamos a produzir um aditivo que tem um apelo ambiental incomparável porque ele substitui outros à base de carbono fóssil. Por ser constituído através do etanol, o ETBE captura de 760 a 780 quilos CO2 da atmosfera para cada tonelada do produto. O nosso principal parceiro neste projeto, que é a Sojitz Corporation (conglomerado industrial japonês), desde o início contribuiu para o projeto com a pré-compra de boa parte desta produção, já acreditando no nosso produto.

**AT** | Quando, de fato, esta tendência de produção ecologicamente correta deve se firmar no País. E quando estes produtos devem chegar ao mercado brasileiro? **BG** | Já estamos produzindo no Rio Grande do Sul e aqui na Bahia. Mas, por enquanto, o nosso foco é 100% para o mercado exterior. O que acontece é que no Japão e alguns países da Europa já se regulamentou em lei a obrigação da migração de plantas antigas para as ecologicamente sustentáveis. Por isso, a demanda é mais forte. Mas, com o tempo, vai chegar ao Brasil.

**AT** | Em relação à parceria com a venezuelana Pequiven na Bahia. Já existe um projeto definido? Quais os prazos e metas? **BG** | O que nós temos hoje de concreto é um acordo de

intenções para pensar projetos futuros. Então, não tem nenhum projeto concreto para curto prazo. A Pequiven é muito ampla na atuação dela na Venezuela, vai desde fertilizantes a resinas. Então, nós estamos buscando um projeto que além reforçar da união das partes, tenha um apelo de mercado, como eventualmente suprir o mercado venezuelano.

**AT** | Com a crise econômica mundial, houve uma queda abrupta na demanda por petroquímicos, que gerou excedentes de produção. Como superar esta conjuntura? **BG** | A crise teve um momento que eu chamo de ruptura que gerou consequências para o mundo. Não foi diferente para nós. Os custos de matéria-prima caíram muito abruptamente. Depois deste ajuste, algumas plantas, sobretudo na Europa e Estados Unidos, foram hibernadas ou fechadas. Por outro lado, os investimentos de Oriente Médio e de China, previstos para este e o próximo ano, estão por volta de 16 milhões de toneladas. Então, temos de analisar como esta oferta nova entrará no mercado e como consumo e demanda, sobretudo de países desenvolvidos, recuperam os níveis anteriores. Se isso acontecer num compasso certo, vamos ter um equilíbrio mais rápido do que esperávamos.

**AT** | E a situação da Braskem? Até maio, empresa teve uma redução de 45,54% nas exportações na Bahia. Qual foi impacto desta queda vertiginosa? **BG** | Este quadro se alterou. As nossas exportações hoje são tão boas quanto são na pré-crise. De fato, nós tivemos uma compressão das exportações em função do mercado internacional. Fomos obrigados a reduzir carga e foi a primeira vez que as centrais reduziram carga nesta magnitude por tanto tempo. Mas ajustamos muito rapidamente os estoques e já voltamos a operar em

plena carga. Hoje, nós já operamos em nível pré-crise. Todas as plantas da Braskem têm batido recorde de produção entre abril até julho.

**AT** | Este crescimento é conjuntural ou representa uma retomada sustentada da produção? **BG** | É uma pergunta difícil de responder. Se mantivermos a margem que temos hoje, o resultado do segundo semestre vai ser melhor. Mas depende você ser otimista ou pessimista pensando o futuro. Se for otimista, o pior da crise já passou. Se você for mais cético, faz análise de que toda ruptura abrupta corresponde a uma bolha de liquidez. Passam-se seis a 12 meses onde se percebe uma recuperação conjuntural e não estrutural. E se essa bolha for realidade, nós vamos assistir a uma nova crise de recessão no final do ano e no próximo ano.

**AT** | O setor petroquímico em franco crescimento no País, com a instalação dos pólos do Rio de Janeiro e de Suape. Como esta expansão vai afetar o Pólo de Camaçari? **BG** | O Polo de Pernambuco é específico para cadeia têxtil, o que, no momento, não afeta diretamente a Braskem. Pelo contrário, a gente pode ter até uma ampliação na produção paraxileno na Bahia para atender ao pólo pernambucano. Quanto ao Comperj (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro), vamos esperar a decisão de como e quando ele vai ser construído para definir como vamos investir ou participar. Em Camaçari, o nosso esforço é no sentido de atrair investidores para adensar as cadeias do que já produzimos aqui. E, neste aspecto, a Bahia tem uma vantagem extraordinária porque já possui um Pólo instalado, um modelo de tratamento ambiental de efluentes invejado no mundo inteiro. E temos uma logística já pronta, embora ela não seja a mais

adequada. Precisamos de investimentos em logística e infraestrutura.

**AT** | Os projetos estruturais em andamento no Estado satisfazem? **BG** | Existem demandas de infraestrutura rodoviária e ferroviária que, na minha interpretação, andam bem atrasadas. Nós precisamos priorizar como melhorar as vias de acesso ao Pólo e acelerar este plano que já está sendo discutido. Além disso, existe uma iniciativa que nós estamos propondo aos governos estadual e federal para a ampliação de uma solução portuária privada na Bahia. É um projeto que em breve a gente vai revelar em detalhes, mas que, se tiver apoio do poder público, tem uma resposta rápida para muitas das nossas demandas. Estamos no bom caminho, no bom diálogo. Precisamos de velocidade.

**AT** | Este projeto seria a construção de um novo porto ou o aproveitamento da estrutura já existente em Aratu? **BG** | Tem o aproveitamento da infraestrutura, mas também tem muito investimento, com aplicação da capacidade de mobilização, estocagem e acesso. É cedo para revelar o tamanho do investimento. Fizemos a primeira apresentação para o governo, tivemos uma acolhida muito satisfatória.

**AT** | Recentemente, o governo do Estado anunciou a concessão da BA-093, principal via de escoamento do Polo. Esta é a melhor solução? **BG** | Acho que a gente tem de ser pragmático e claro. Se essa é a solução possível que vai acelerar a renovação da infraestrutura, nós apoiamos 100%. O importante é a solução.